



de Literatura

Sinal de Alarme, poemas de António Ramos de Almeida — Ed. do autor

Quando um artista imprime determinada direcção à sua obra, em virtude da sua sensibilidade e atitude raciocinada ante a vida, é evidentemente coisa risível o crítico aconselhá-lo a tomar este ou aquele caminho. Mas é-lhe permitido, suponho, dizer se acha má ou boa a orientação que ele dá à sua arte.

Não falo, é claro, dos que na confecção das obras tomam uma personalidade diferente da personalidade humana estando portanto, neste caso, o artista em oposição com o homem. Estes, os que dentro de si não sentiram o repulão que a obra produz no público, são os autores sem sinceridade, pretenciosos que, sem dúvida, podem e devem ser aconselhados.

Não é o caso de Ramos de Almeida. Em «Sinal de Alarme» pareceu-nos evidente a sua sinceridade, saltando dos seus poemas onde se refletem sentimentos de humanidade, preocupações e problemas universais que, por serem generalizáveis, tornam a sua poesia útil.

Contudo, embora haja uma certa coerência ideológica no seu primeiro livro, R. de Almeida sofreu fortemente influências estranhas que, quanto a nós, se verificam mais na maneira de expor os assuntos, *na forma*, do que nos próprios assuntos. Dêste modo, a personalidade do autor fica pouco vinculada e se esta fraqueza, esta evidente falta de individualidade, não abafa a direcção que transparece nos seus assuntos ocasiona certo desequilíbrio. Em certos poemas em que procura fugir a essa influência (formal, sobretudo) parecemos haver demasiado raciocínio substituindo a emoção artística.

Os «Poemas de Amor», sem dúvida muito bons, com o seu desejo másculo e sadio, e mais alguns onde a par de preocupações humanas há beleza são, contudo, suficiente garantia para esperarmos de Ramos de Almeida uma obra poética de valor que, com «Sinal de Alarme», não pode dizer-se começasse muito mal.

M. A.

Homens e Casos duma geração notável, por A. de Magalhães Basto — Edição da Livraria Progrédior — Porto

Neste livro, «Homens e casos de uma geração notável» reúne o Sr. A. de Magalhães Basto vários artigos publicados no jornal «O Primeiro de Janeiro» na secção «Falamos velhos manuscritos».

No prefácio com que começa este trabalho diz o autor: «Escritos para os leitores apressados da imprensa diária—na sua maioria desprovidos de preparação cultural e pouco dados a assuntos históricos ou literários—uma única preocupação tem dominado o seu Autor: a de instruir sem aborrecer».

Segundo nós, parece-nos que A. de Magalhães Basto conseguiu plenamente o que pretendia.

De-facto todos os artigos que compõem este livro são de molde a despertar a curiosidade do leitor quer pelo pitoresco dos assuntos, como os que se referem à célebre rebelião académica de Coimbra, quer pelo relêvo literário com que nos dá os episódios, alguns deles mesmo pouco conhecidos, sobre a vida das personalidades mais marcantes na política e na literatura da segunda metade do século dezanove.

Salientamos, por exemplo, pelo que têm de particular interesse para a vida literária do Porto, aqueles que se referem ao duelo na Arca da Água entre Antero e Ramalho e os do capítulo que se intitula «O grupo dos cinco».

Assim, quem quiser conhecer em parte o que foi a vida mental e política da segunda metade do século passado, onde figuram homens como Antero, Oliveira Martins, Junqueiro, Eça, Ramalho, Camilo e tantos outros tem, com a leitura dêste novo livro de Magalhães Basto, muito que aproveitar.

C. F. B.

livros brasileiros

Bonitas e feias, por Sebastião Fernandes

São quasi todos novelas e contos os livros do escritor brasileiro Sebastião Fernandes; apenas um—«Galarim»—é de ensaios.

«Bonitas e Feias» é, ou pretende ser, um feixe de contos sobre mulheres.

E' lugar comum dizer-se que o conto está para a prosa como o soneto para a poesia: se um soneto bem feito vale um poema, também o conto vale o melhor romance, ou o melhor ensaio, quando o equilíbrio de sua factura, pensamento e imaginação o tornam, de facto, o soneto da prosa.

Sendo extremamente difícil, o conto dá contudo a impressão, a quem não adivinhe as dificuldades que o escritor superou para conseguir um pouco de arte, de ser extremamente fácil. Prejudica-o no conceito dêsses a simplicidade da linguagem que é uma das características do conto: é a confusão comum entre a simplicidade e a banalidade. Por este motivo quando lançados na execução do que se lhes afigurou fácil, porque simples, sai-lhes a obra tanto mais banal quanto mais fácil se lhes afigurou de conseguir.

«Bonitas e Feias» sofre exactamente em quasi tôdas as suas páginas do defeito da vulgaridade.

Contos de mulheres e portanto de amor, sofrimento, despeito, ciúme e resignação, dêle nos não fica terminada a leitura um só tipo em nosso espirito, com êle não enriquecemos a nossa experiência psicológica.

A' maioria dos capítulos do livro podemos chamar episódios ou casos mas não contos. Conto propriamente, simples, ligeiro, bonito—pedra de açúcar que se come e se pede mais—não há um só em todo o livro. Com risco de parecer cruéis podemos dizer que é um livro morto nas nossas recordações logo depois de findarmos a sua leitura.

Jamachi, por Adonaide Medeiros

Outro livro de contos. Tal qual «Bonitas e Feias», «Jamachi» é infeliz. Maré de pouca sorte...

Contos, lendas e casos cujo teatro é a floresta amazonense, e ainda alguns artigos—o

autor é jornalista—em defeza dos interesses do maior dos estados brasileiros.

Parece-nos que a selecção de Adonaide de Medeiros devia ter sido mais apurada,—a maior parte das páginas não consegue prender o interesse do leitor, não obstante o inescotável do assunto. O manancial da terra amazónica é o melhor que poderia existir para contos e romances de interesse; Ferreira de Castro deu-nos um exemplo na «Selva».

Mas o autor não admite réplica. «Os contos são meus—diz no prefácio. Quem achar que poderia sair melhor tem um recurso: as livrarias vendem papel, tinta, lápis, máquinas de escrever e outros artigos de que se servem os escritores—sente à mesa e escreva... Se não tiver dinheiro para comprar o material suficiente—excepto a inteligência—venha a mim que eu forneço. Se não agradarem ao leitor, tenho a dizer que os contos são filhos desta coruja que sou eu. Eu os achei bons, ótimos mesmo. Por mim estou contente».

Pensaria ao escrever isto o sr. Adonaide de Medeiros, que algum leitor o seguiria no seu benévolo optimismo?

RAUL DO REGO

REVISTAS: Nosotros

Els uma excelente revista que se publica na Argentina, sob a direcção de Alfredo A. Bianchi e Roberto F. Giusti. Belamente escrita e apresentada, nas suas colunas encontram-se a cada passo artigos subscritos por alguns dos nomes mais representativos na literatura, artes, pensamento e critica daquele país sul-americano. O n.º 22, último chegado até nós, insere trabalhos de Ricardo Rojas, Alfonsina Storni, Enrique Garcia Velloso, Ernesto Mario Barreda, R. Francisco Mazzoni, María Alicia Domínguez, Alfredo A. Bianchi e Ariel Mandet.

Lácio

Começou em Lisboa a sua publicação a revista mensal «Lácio», panfleto de arte. E' dirigida por António Marques Matias, Alvaro Salema, Magalhães Filho e Frederico George. Além de trabalhos destas individualidades, insere ainda colaboração de Paulo Figueira e uma «Antologia da Poesia Viva».

quatro

sol nascente